

Acervo
ISA
AGRICULTURA
A safra da esperança

06ER0159

A SERVIÇO DA VERDADE

Afinal

7 de Março de 1989 - Nº 236 - NCz\$ 1,95

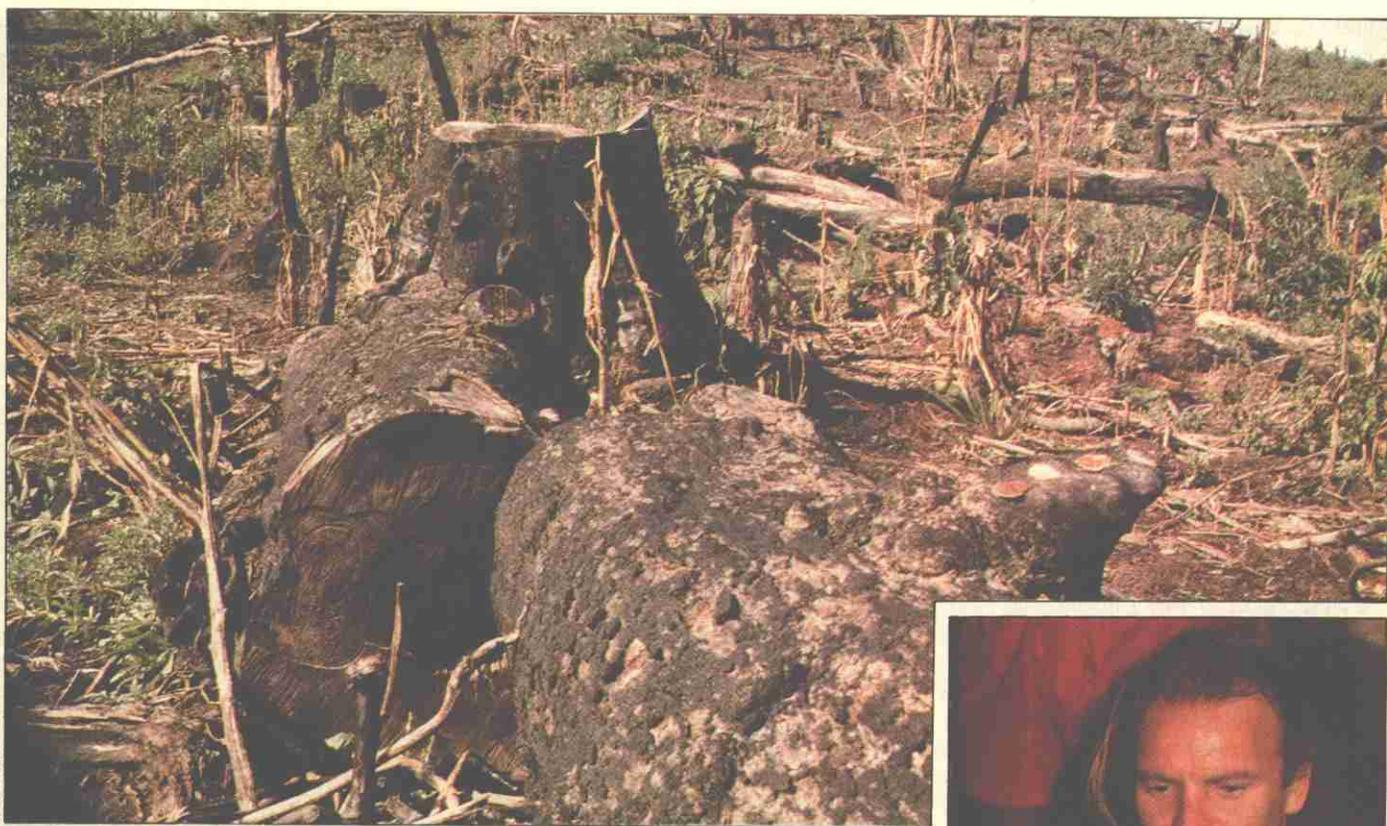
MANAUS, RIO BRANCO, BOA VISTA, WIKIMÉDIA/1977/254

MEIO-AMBIENTE

A MISSÃO STING

A preservação da Amazônia agita o rock mundial e contagia os nossos índios.





JOSÉ PINTO

As cicatrizes na floresta, contra as quais se insurge a opinião pública mundial

MEIO AMBIENTE

Amazônia

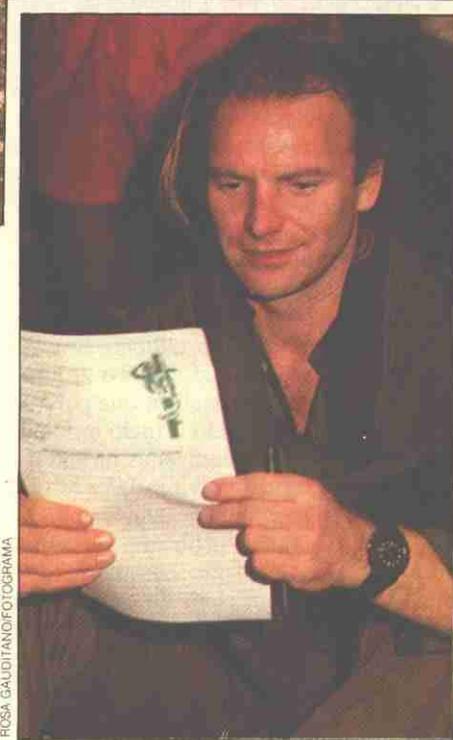
A briga pelo verde

Imponente, alvo da devastação — o mundo todo discute o destino desta floresta

O presidente José Sarney está incomodamente no centro do jogo internacional para preservar a Amazônia. Sem dúvida, nenhum presidente brasileiro foi testado de forma tão contundente e tão pressionado para abrir a região à internacionalização. Como pano de fundo, a comunidade indígena luta para preservar seu espaço e garantir sua sobrevivência, num confronto aberto com os interesses nacionais

— como, por exemplo, a instalação de hidrelétricas que atendam à crescente demanda de energia, e cuja construção depende de financiamentos internacionais. A pressão mundial para que instituições de crédito, como o Bird, só liberem financiamentos se o governo Sarney mudar sua política de meio ambiente, são cada vez maiores. Cria-se o círculo vicioso.

Este drama abrigou, recentemente, a figura do roqueiro Sting — uma espécie de



ROSÁ GAUDIANI/FOTOGRAMA

Sting, na cruzada pró-Amazônia

paladino da ecologia, amigo dos indígenas, defensor do meio ambiente. Um cidadão do mundo, que se reuniu em Altamira, no Pará, com lideranças indígenas — entre elas, o cacique Raoni —, para discutir os destinos da comunidade indígena e da monumental floresta. Uma das idéias do roqueiro é criar uma fundação — a “Mata Virgem” — que tem, entre seus principais projetos, a ampliação do Parque Nacional do Xingu, reu-

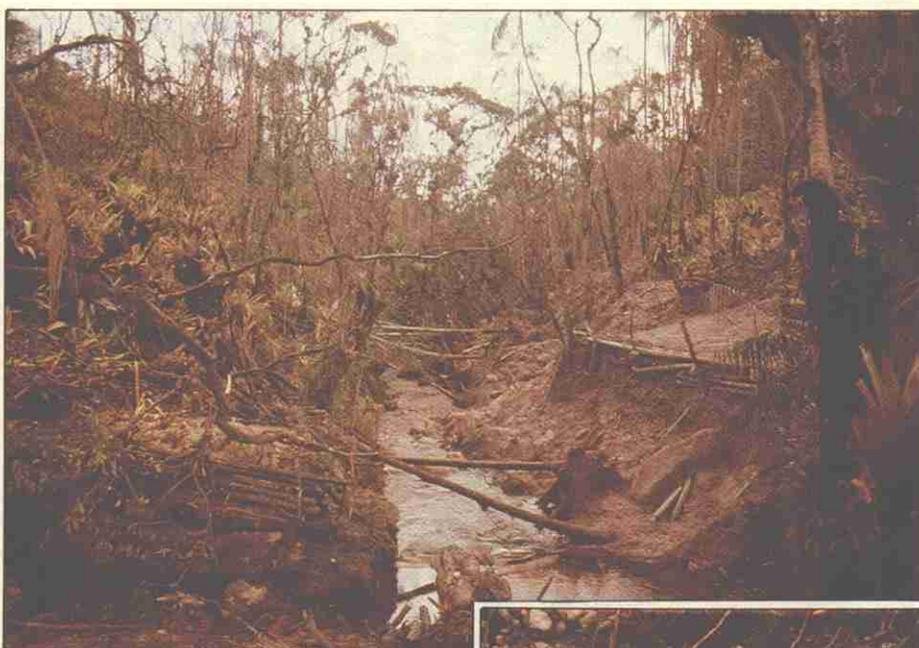
nindo todas as comunidades indígenas da região.

Sting condena a internacionalização da Amazônia — pelo menos, nos termos em que vem sendo proposta pelos governos de países desenvolvidos. Ele considera que a floresta deve ser defendida e teme sua devastação — “nós também precisamos dela para nossa sobrevivência”, repete o roqueiro. Mas ele não chega ao ponto de defender uma intervenção dos países industrializados na região e condena veementemente sua internacionalização: “A floresta é dos brasileiros e são os brasileiros que têm de resolver seus problemas”.

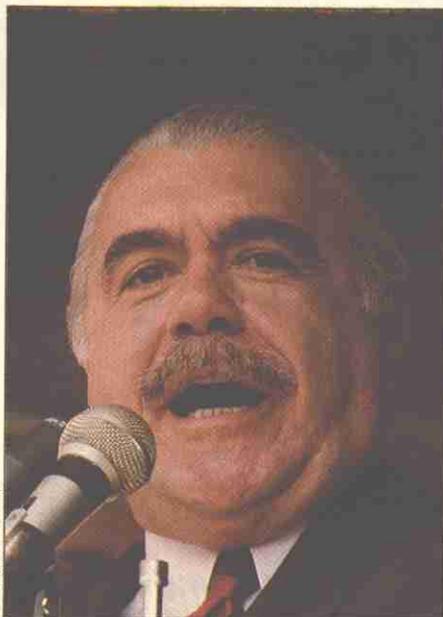
Empenhado na questão ambiental, Sting lançará no próximo dia 12 de abril, em Paris — juntamente com outros ambientalistas de renome internacional, entre eles, o gaúcho José Lutzenberger, Nobel alternativo de ecologia em 88 — uma campanha para arrecadar recursos destinados à Fundação Mata Virgem. Como sua cruzada é pacífica e nada tem a ver com as disputas internacionais em torno da Amazônia, Sting Não sofrerá oposição por parte do governo brasileiro para criar sua fundação — pelo menos, foi o que garantiu Fernando César Mesquita, presidente do Instituto de Meio Ambiente.

Sting entendeu-se com Sarney, em encontro no Planalto. O presidente conversou com o roqueiro de espírito aberto. Sting seria mais um idealista que percorre o mundo defendendo o meio ambiente e as comunidades indígenas na sua luta contra o homem “civilizado”. Mas o presidente Sarney impõe algumas condições para discutir o problema da Amazônia. A questão é tão complexa, que Sarney poderá participar de uma conferência internacional sobre a camada de ozônio, que protege a atmosfera terrestre, reunião que se realizará nos próximos dias 10 e 11 em Haia, na Holanda, quando o governo francês vai sugerir a criação de uma entidade supranacional para preservar a Amazônia. Se a exigência brasileira de só discutir a preservação da Amazônia com a manutenção da “soberania nacional” for aceita pela França, Holanda e Noruega — organizadores do encontro —, e Sarney estará em Haia.

Nesta terça e quarta-feira dias 7 e 8, os governadores da região, reunidos em Manaus para debater os problemas da Amazônia e o aumento das pressões internacionais pela preservação da floresta, po-



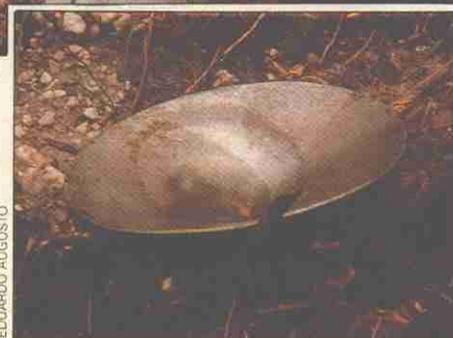
Nos ataques freqüentes ao meio ambiente...



Sarney rechaça as ingerências externas

derão receber um sinal do governo. Detalhes finais da política de preservação da Amazônia, formulada pelo presidente Sarney, serão transmitidos aos governadores pelo chefe do Gabinete Militar da Presidência, general Bayma Dennis, que também comanda a Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional.

Enquanto as atenções nacionais e estrangeiras se voltam para a devastação da Amazônia, no sul do País ocorre algo pa-



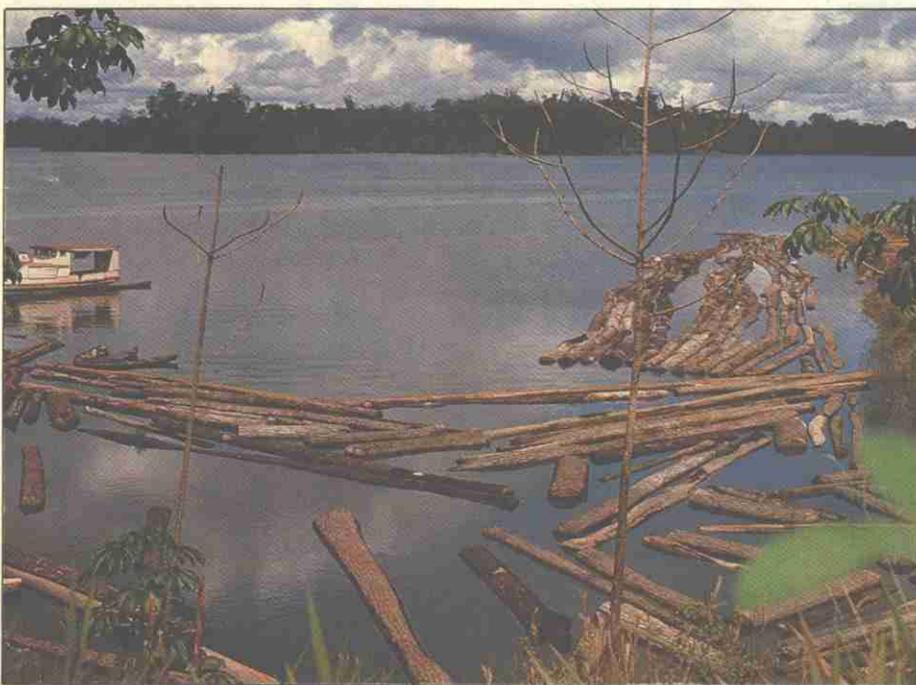
...destaca-se a ação dos garimpeiros

recido mas que não conta com o clamor da imprensa internacional.

Um bom exemplo é a Reserva Indígena de Ibirama a 163 quilômetros de Florianópolis, onde habitam cerca de mil e quinhentos índios kaingangues, guaranis e xoclangs. Desta reserva, cerca de 13 mil hectares de mata nativa foram destruídas. A madeira, vendida ilegalmente, está praticamente acabando. Hoje restam não mais que 10% da floresta que existia em 1975.

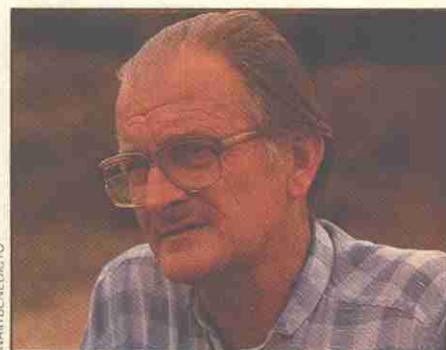
Cedro, canela preta, sassafrás e peroba foram cortadas de forma indiscriminada, servindo para “enriquecer tanto índios quanto brancos, que jamais prestaram contas do que estão fazendo”, conforme acusação do ex-prefeito de Ibirama, Luiz Müller.

Além dos indígenas, moram na reserva cerca de 50 funcionários de madeiras da região, de forma a facilitar o trabalho de corte de árvores. Há dois anos, eles eram mais de 200. Nessa época, deixavam a reserva perto de 300 caminhões



PAULO CÉSAR BRAVOS

Sem controle, a indústria madeireira obtém resultados astronômicos na Amazônia



NAIR BENEDITO

Lutzenberger, aliado de Sting na cruzada

de madeira por dia. As árvores cortadas eram tão grandes que bastavam cinco toras para fazer uma carga. Hoje, a média de caminhões é de 8 a 10 por dia. Levam, a cada viagem, perto de 40 toras, pois as árvores são pequenas.

No ano passado, a Associação Catarinense de Proteção ao Meio Ambiente entrou com uma ação na Justiça, responsabilizando a Funai pelo desmatamento, o que não rendeu manchete no *Times*. □

Contra a internacionalização

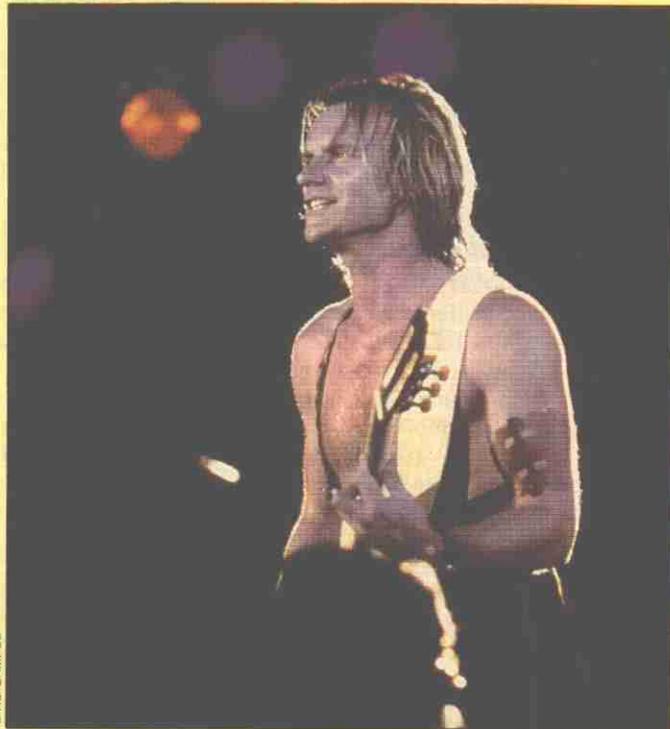
A idéia de criação de uma reserva ecológica de 240 quilômetros quadrados, englobando o Parque Nacional do Xingu e as reservas indígenas de Gurupi e Gorotirê, foi apresentada há dezoito meses pelo cacique Raoni ao roqueiro Sting, quando este visitou o Xingu. "Não queremos que esta iniciativa seja vista como intervenção internacional na política brasileira de meio ambiente", garantia o cantor, em Brasília.

A campanha internacional para arrecadar fundos para a Fundação Mata Virgem inclui a produção de um clipe com a participação de Sting ao lado de Raoni. O filme será produzido em sete idiomas e será lançado em Paris.

"Acho que os bancos mundiais deveriam se sensibilizar com o problema ecológico no Brasil e ficar mais abertos ao país", defendia Sting, ciente

das dificuldades do governo Sarney para implantar uma política de meio ambiente. O cantor chegou a criticar a pressão de credores privados estrangeiros, aos quais o Brasil transfere juros altíssimos sobre a dívida externa. Embora defenda uma política internacional para a salvação da Amazônia (diferente da "internacionalização" proposta por alguns países europeus), Sting prefere não comentar a sugestão do Banco Mundial de converter a dívida externa brasileira em projetos para preservação da Amazônia — "é um problema para o governo do Brasil, cabe a ele decidir".

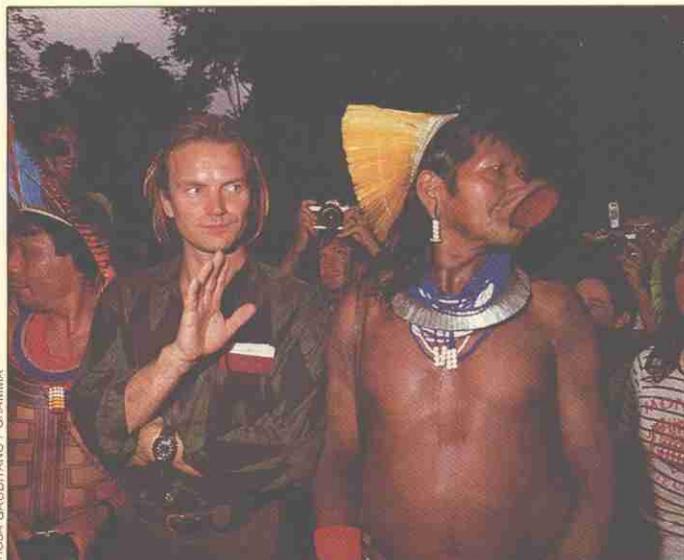
Entre abril e junho, Sting e os caciques txucarramae Raoni e Megaron poderão fazer uma maratona por vários países europeus, Estados Unidos e Canadá para arrecadar fundos para a Fundação Ma-



LIVIO CAMPOS

Em defesa de uma reserva ecológica

ta Virgem. Raoni, que está sob suspeita de malária, será acompanhado de um médico brasileiro e poderá visitar também o Japão, a convite do novo imperador Akihito.



ROSÁ GAUDIANO / GRAMMA

SAULO PETEAN

Nos encontros com as lideranças das tribos, a...

confirmação de um pacto que havia sido firmado...

Não à usina dos caras pálidas

Os índios temem a inundação de aldeias

“... durante muito tempo o homem branco agrediu o nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos, e agora deve parar, nossos territórios são o Sítio Sagrado do nosso povo, moradia do nosso criador que não pode ser violado...” (trecho da carta de Altamira, 24 de fevereiro de 1989, ao final do primeiro encontro das Nações Indígenas no Xingu).

A reunião das 38 diferentes tribos brasileiras em Altamira foi muito mais que um protesto contra a construção da barragem de Belo Monte, na volta grande do Xingu. Foi além do sonoro e preocupado “não” ao complexo hidrelétrico que prevê a construção de 7 usinas na região, até o ano 2.010, com seus efeitos negativos e diretos sobre 7 povos indígenas já ressabiados com as tragédias de Tucuruí, Balbina e Itaipu.

Transcendeu a própria política energética do governo para a Amazônia. Foi um momento inédito, e privilegiado, em que os índios, diante do Brasil e do mundo, extravasaram o ódio histórico que têm contra o branco, o ódio agora canalizado para a ação política e não mais para a ação violenta com que tentaram se defender durante quase 500 anos, quando foram sempre os perdedores. Perderam tanto que quase desapareceram da face da

Terra. Dos “Sítios Sagrados”, onde eram cerca de 6 milhões por ocasião do “descobrimento”, reduzidos hoje a 220 mil pessoas. A partir de agora, terão canais mais definidos de luta, esquecidos que estão das rivalidades intertribais, para canalizar suas energias na luta “civilizada” contra o branco ainda majoritariamente inimigo do índio.

O gesto da kaiapó Tu-Ira, enconstando o facão no rosto de José Antonio Muniz Lopes, diretor de planejamento da Eletronorte, foi acompanhado de palavras não menos contundentes: “Mentira. Sua conversa não vale nada. Por que não vai dizer a verdade lá na nossa aldeia?”. Na verdade, o gesto de Tu-Ira terá sido pouco significativo se observado pelo ângulo da monstruosa dívida que a sociedade branca tem contraída contra o índio.

Não só o facão foi brandido contra a face de um governo que, para os índios, faz pouca diferença dos tempos em que eles eram objeto de campanhas de extermínio ou laçados para serem vendidos co-

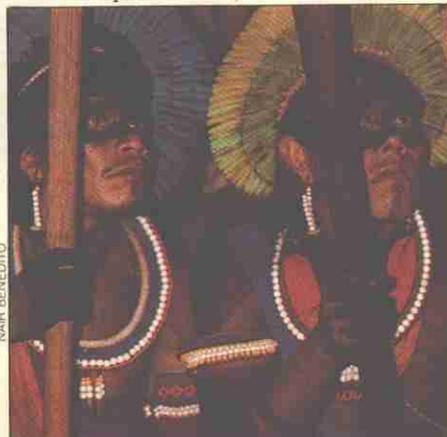
mo escravos. Canhon, da aldeia Gorotire, mostrou a Fernando César Mesquita, presidente do Instituto de Meio Ambiente, assim como a Muniz Lopes, seu pesado “koup”, simbolizando a disposição de reverter a história.

“Nós enfrentamos homem, não é uma guerra, mas uma luta de peito aberto”, esbravejou Canhon, entrecortando a palestra do diretor da Eletronorte para quem a eletrecidade é “uma necessidade de toda a sociedade brasileira, em função do desenvolvimento”. Ele informava que “do ponto de vista da engenharia”, o projeto seria mais simples do que pensavam os índios e ecologistas e que só havia previsão das barragens de Kararaó (rebatizada para Belo Monte, por exigência dos kaiapó, para os quais a palavra é um grito de guerra) e de Babaquara, esta última já fora de cogitação. Muniz explicou que os trabalhos poderão começar dentro de 5 anos, a um custo inicialmente projetado de quase 7 bilhões de dólares, porém, o relatório sobre o impacto ambiental ainda não está pronto.

A Eletronorte confessa, assim, que tinha pouco a dizer no encontro de Altamira. Como afirmar que “somente 344 índios” serão retirados para outras áreas, quando sequer concluiu os estudos sobre os efeitos que a inundação do reservatório levará às áreas indígenas e aos terrenos dos moradores ribeirinhos?

Com a palestra sendo traduzida para a língua kaiapó pelo “embaixador” Bep-Kororoti Paiakan, os índios perceberam o jogo e sequer deixaram Muniz Lopes concluir as explicações. A indignação era tanta que as palavras foram pouco, fa-

Mais do que folclore, fonte de ciência



NAIR BENEDITO



NAIR BENEDITO

há dezoito meses, quando Sting visitou o Xingu...



NAIR BENEDITO

e estudou a criação de uma grande reserva indígena

ções e “koups” entraram em cena para mostrar que, no caso do Xingu, os índios não estão dispostos a se deixarem enganar. No projeto de Tucuruí o erro foi de quase 50% sobre o anunciado e as águas cobriram aldeias, lotes, comunidades que ainda hoje reclamam indenização justa.

INTERNACIONALIZAÇÃO — Índios e brancos solidários fizeram questão de enfatizar que a jornada de Altamira nada tinha a ver com a propalada internacionalização da Amazônia. Mas coube a uma negra, a deputada federal Benedita da Silva, falar em nome dos ecologistas brasileiros: “Pode até existir interesse internacional para nos tomarem a Amazônia, mas isso nós nunca permitiremos. Queremos o apoio internacional para ocupar a Amazônia e promover o seu desenvolvimento em harmonia com a natureza, mas tudo pelas mãos dos brasileiros”.

Empresários de Altamira fazem colocações idênticas, como Luis Bossatto, presidente da Associação Comercial, favorável à barragem do Xingu. Ele critica as multinacionais que devastam a região e exportam a madeira com preços subsidiados.

Ciente da controvérsia a respeito do movimento ecológico-indigenista, o condutor do encontro dos povos indígenas, Bep-Kororoti, ou Paulino Paiakan, enfatizou que “esta reunião partiu dos próprios índios, ninguém botou nada na nossa cabeça”. Juntamente com o antropólogo e entomologista da Universidade Federal do Pará, Darrel Posey, Paiakan teve há pouco arquivado o processo que o governo moveu contra ambos, empenhados em convencer o Banco Mundial e ou-

tras instituições de crédito internacional a somente concederem dinheiro para projetos brasileiros que levem em conta a ecologia. Por conta da chamada internacionalização da Amazônia, o ponto máximo foi a presença de Gordan Matthew Summer, o roqueiro inglês, Sting, que esteve menos de 24 horas em Altamira, depois de passar por Brasília e pelo Parque Nacional do Xingu.

A posição de Sting ainda provoca muitas contravérsias: para alguns, ele não deixou muito claro o que foi fazer em Altamira. O anúncio de sua “Fundação Mata Virgem” foi recebido com algum ceticismo pela imprensa nacional e estrangeira, foi criticado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e não agradou um de seus amigos, o kaiapó Megaron, diretor do Parque do Xingu, que chegou à cidade no mesmo avião de Sting. Para o Cimi, a proposta de Sting “é desmobilizadora”, enquanto prevê a compra de terras dos índios, não demarcadas ainda, para entregá-las aos próprios índios, na ampliação do Parque do Xingu. Carlos Pai-

va, assessor do roqueiro, fez questão de afirmar que “Sting nunca falou em comprar terras e a Fundação ainda não possui sequer o arcabouço jurídico”.

Na coletiva que deu no Sítio Betânica, distante 8 quilômetros de Altamira, Sting resumiu o que pensam outros estrangeiros que estiveram no encontro: “Se defendermos a floresta, o meu país também sofrerá catastrofes, porque nós, na Europa, assim como o resto do mundo, precisamos da floresta para sobreviver”. E anunciou que no dia 12 de abril, em companhia de algumas lideranças indígenas, estará em Paris para iniciar campanha internacional de arrecadação de fundos para sua “Mata Virgem”. Sting não foi expulso de Altamira pelos índios, como chegou a ser noticiado, mas chefes kaiapó e os dirigentes da União das Nações Indígenas (UNI) não gostaram nem um pouco do encontro do cantor com Sarney antes de seguir viagem para o Xingu. A escala em Brasília deixou os índios confusos com a declarada solidariedade do roqueiro.

Depois de deixar Altamira sem ter comparecido ao Centro Comunitário Municipal, local das reuniões, como era esperado, Sting voou para novo périplo por aldeias do alto Xingu. Nem Megaron, diretor do Parque do Xingu, nem o cacique txucarramae Raoni, pareciam dispostos a acompanhar Sting numa audiência com a direção da Funai, em Brasília, enquanto os assessores do cantor empenhavam-se em subestimar as arestas surgidas em Altamira. □

Manoel Dutra, de Santarém

De 6 milhões, hoje reduzidos a 200.000



NAIR BENEDITO

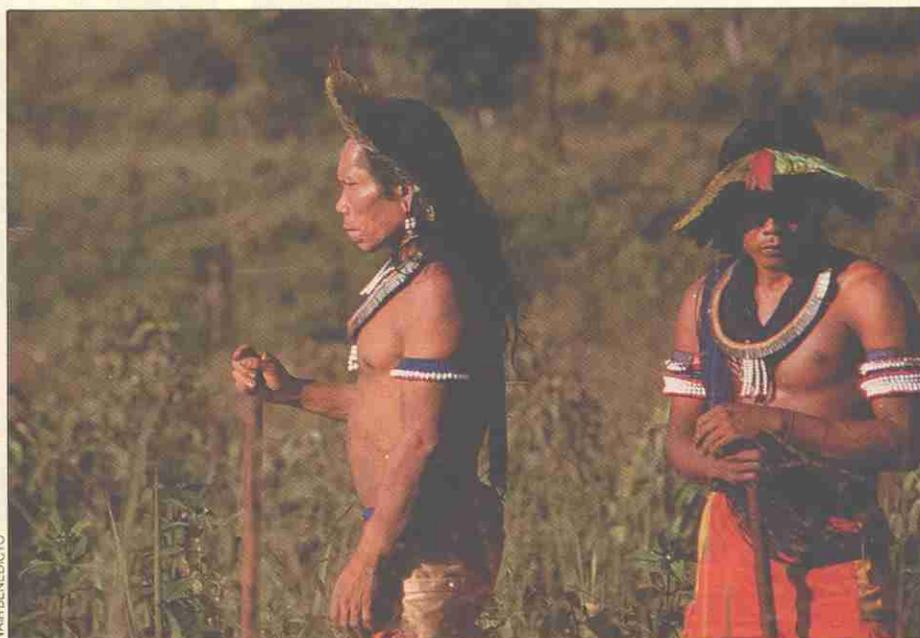
Por que todo este interesse?

Senadores, banqueiros, todos dão seu palpite

“As usinas de Balbina e de Tucuruí receberam financiamento do Banco Mundial, mas nós estamos lutando pelo cancelamento desses financiamentos”, bradou o senador inglês Tam Baylell, do Partido Trabalhista, às margens do Xingu.

O senador prometeu intensificar as pressões junto ao governo inglês para impedir a liberação de empréstimos à construção de hidrelétricas na Amazônia. “Existe um interesse grande e crescente na Europa em torno do movimento de índios e ecologistas. Para nós, é como se estivesse sendo destruída uma imensa biblioteca de cujo conteúdo só temos uma parcela mínima de conhecimento.” Para Paul Staas, belga do Partido Verde e membro do Parlamento Europeu, “a destruição que está havendo aqui nada tem de desenvolvimento, é o oposto”. Ele defende “uma proposta concreta” de reforma agrária e diz que o Brasil tem terras suficientes fora da Amazônia para praticar a agricultura. Informou que o Parlamento Europeu votará brevemente um código de conduta para que as multinacionais europeias respeitem a ecologia nos países onde operam. E convidou os parlamentares brasileiros a fazerem do verde uma bandeira de todas as campanhas eleitorais.

Da Itália, chegou a primeira manifestação pública do governo a respeito das pressões aos bancos multilaterais e comerciais contra projetos do setor elétrico na Amazônia. O ministro da Fazenda, Giuliano Amato, mandou telegrama aos participantes do encontro das nações indígenas dizendo que “a destruição da selva já causou sofrimentos ao vosso povo e é uma ameaça concreta ao planeta inteiro”. O telegrama foi lido por Roberto Smeraldi, secretário do movimento internacional “Amigos da Terra”, uma das organizações que pressionam a opinião pública dos países desenvolvidos para que cessem os empréstimos aos projetos brasileiros — como os 500 milhões de dólares em negociação com o Banco Mundial, cuja resposta final poderá ser dada dentro de



Um acervo fantástico de riqueza mineral e vegetal: patrimônio da humanidade

dois meses, e o esforço do governo junto a 16 bancos europeus e japoneses, em busca de fontes alternativas, caso o Banco Mundial recuse o empréstimo.

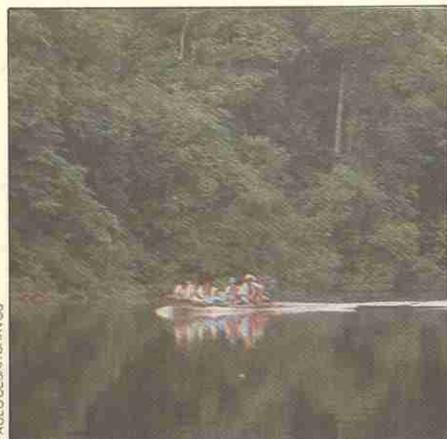
CALDEIRÃO — Durante uma semana a cidade paraense de Altamira transformou-se num caldeirão. Desde que o presidente Médici esteve em Altamira em 1974, para inaugurar a Transamazônica, sua gente não se sentia tão importante, convivendo com personalidades de renome, com 170 jornalistas do Brasil e do exterior. Foi também uma semana tensa, que começou com 5 tiros desferidos por desconhecidos, na frente do sítio Betânia, de propriedade da Prelazia do Xingu e on-

de 650 índios se hospedaram. Após o encerramento, o padre italiano, Ângelo Pansa alegou ter sofrido um atentado, quando desconhecidos teriam tentado estrangulá-lo perto do acampamento indígena. Um caso e outro não foram esclarecidos até agora. Ameaças e atentados, se realmente aconteceram, não atingiram os objetivos.

MANIFESTAÇÃO CONTRÁRIA — Para fazer frente ao movimento de índios e ecologistas, os fazendeiros e comerciantes de Altamira, com o decisivo apoio da UDR, reuniram-se no Movimento pró-Kararaô. No primeiro dia do encontro, saíram às ruas com 50 cavaleiros e 180 carros lotados, em grande parte, por seus empregados. Fizeram questão de dizer que não são “assassinos da natureza”, mas defendem a barragem do Xingu como único saída possível para o marasmo econômico da região, produtora de cacau, pimenta do reino e arroz.

Depois foi a vez dos que não aprovam a hidrelétrica. Cerca de 4.000 pessoas saíram pelas ruas, concentrando-se no bairro Brasília. Ficou provado, ao contrário do que dizia o Movimento pró-Kararaô, que a população de Altamira está dividida. Os pobres, solidários aos índios. Os empresários, de olho no pesado investimento que, imaginam, lhes deixará gordas sobras.

NÃO À POLITIZAÇÃO — Caiu no vazio a

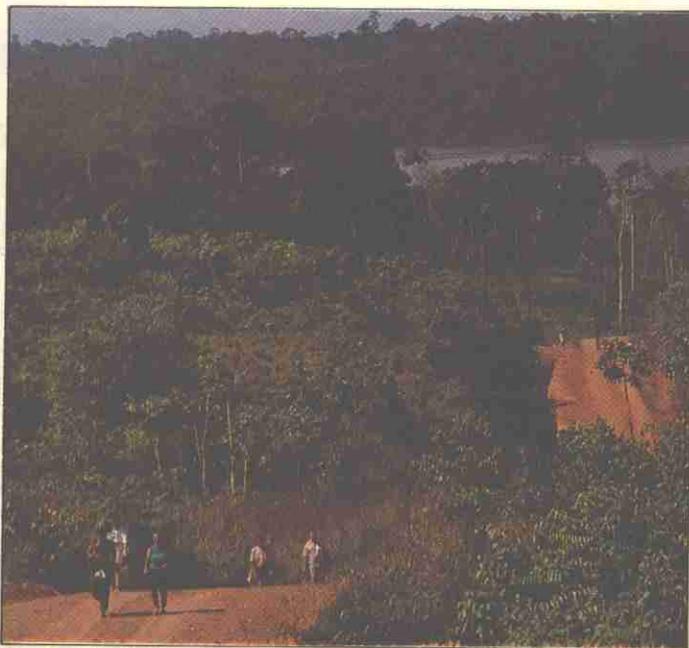


Uma cultura acumulada ao longo de séculos



SAULO PETAEN

O cantor Sting - um aliado dos índios na cruzada ambiental



NAIR BENEDETTO

Avanço da civilização, uma ameaça à comunidade indígena

tentativa dos partidos políticos de capitalizar em alguns momentos do encontro dos povos indígenas do Xingu. Habilmente, Paulino Paiakan deixou claro, várias vezes que os índios precisam da solidariedade de todos os brancos, mas que naquele momento a palavra era dos kaipós e de todos os outros índios presentes, inclusive do México, do Canadá e dos Estados Unidos. Sempre que uma autoridade do governo era vaiada, Paiakan advertia: "Eles estão aqui porque nós chamamos". E pedia que as vaias cessassem. Também não ficou suficientemente esclarecida a ausência em Altamira do bispo local, Dom Erwin Krautler, presidente do Conselho Indigenista Missionário. Oficialmente, informou-se que o prelado já tinha compromissos anteriormente assumidos na Europa, para onde viajou dias antes do encontro começar.

O BRASIL NA LIDERANÇA? — O sucesso do Primeiro Encontro das Nações Indígenas do Xingu poderá colocar o Brasil na liderança mundial da ecologia. No encontro de Altamira, isso ficou bem claro, desfazendo-se o mito de que o homem é apenas um ser destruidor. Esse é o pensamento de Darrel Posev, antropólogo e entomólogo do museu Emilio Goeldi.

"Há evidências de que os índios já habitavam estas regiões há 30.000 anos e acumularam um vasto conhecimento de todo ecossistema. Portanto, eles têm um

espetacular conhecimento que não deve ser entendido como folclore, mas como ciência."

Para ele, a Amazônia é explorada por forças nacionais e internacionais historicamente. Mostra uma das facetas das riquezas da região, afirmando que "nós conhecemos hoje menos de 1% das plantas medicinais, enquanto compramos de outros países quase todos os medicamentos que utilizamos no Brasil. Fazemos isso enquanto temos uma farmácia completa aqui no nosso quintal". Para o cientista, é desconcertante constatar que "o Brasil não tem uma política ambiental".

INÉDITO — Para o antropólogo Mnislav

Zeleny, residente em Praga e que estuda há 20 anos os índios das Américas, com 5 livros publicados sobre o tema, além de 200 artigos em jornais, o encontro de Altamira foi inédito por reunir, ao mesmo tempo, nações indígenas outrora inimigas e que chegaram a fazer guerras entre si, povos diferentes que nunca tinham se visto, e os brancos. "Nesse sentido, nunca vi nada parecido, do México ao Brasil." Zeleny acha extraordinário o fato de povos outrora rivais, terem-se reunido: "Nunca vi isso na América Latina".

O professor de antropologia da Universidade Federal do Pará, Heraldo Maues, acha que "pelo menos no caso do Brasil, este encontro é inédito. Vemos aqui vários povos indígenas pela primeira vez assumindo, nessa proporção, uma posição política que terá repercussão em toda a sociedade brasileira. Eles deixaram a guerra pela negociação, a luta violenta pela política". No centro comunitário de Altamira estão dois povos que, sabidamente, fizeram guerras entre si: os xavantes e os karaia. Segundo Maues, "o índio pode progredir e as conquistas atuais da humanidade, sem perder a sua identidade e a sua cultura". E cita o exemplo japonês, no outro extremo, um povo que cresceu e hoje é dos mais ricos e, mesmo assim, mantém o cerne de sua cultura e tradições. □

M.D.



PAILIÓCESAR BRAVOS

O desmatamento segue um ritmo alucinante